



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

MELQUIADES DE OLIVEIRA RODRIGUES

HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL E EM ALAGOAS

ORIENTADOR: PROF. GUSTAVO GOMES

Delmiro Gouveia-Al

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

MELQUIADES DE OLIVEIRA RODRIGUES

HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL E EM ALAGOAS

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas UFAL, Campus do Sertão, sob orientação do Prof. Msc. Gustavo Manoel da Silva Gomes.”

Delmiro Gouveia-Al

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA

MELQUIADES DE OLIVEIRA RODRIGUES

HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL E EM ALAGOAS

R696h Rodrigues, Melquiades de Oliveira

História da literatura de cordel no Brasil e em Alagoas /
Melquiades de Oliveira Rodrigues. - 2017.

25f.

Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade
Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

Orientação: Prof. Me. Gustavo Manoel da Silva Gomes.

1. Contemporaneidade. 2. Cordel. 3. Feiras-livres.

CDU 398.51

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Campus Sertão/
UFAL – Delmiro Gouveia

Delmiro Gouveia-A1

2017



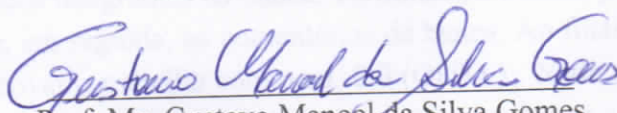
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

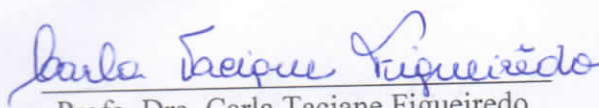


TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “**HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL E EM ALAGOAS**”, elaborado por **Melquiades de Oliveira Rodrigues** foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora com nota 8,0 (OITO), cumprindo as exigências para obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Ms. Gustavo Manoel da Silva Gomes
Universidade Federal de Alagoas


Prof. Dra. Carla Taciane Figueiredo
Universidade Federal de Alagoas

Prof. Ms. Eduardo José Silva Lima
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo reconstruir trajetórias históricas da produção cordelística no Brasil e em Alagoas, procurando identificar os elementos que constituem esse processo de formação, desenvolvimento e transformação nas práticas de produção, divulgação, leitura e arquivamento a partir das novas tecnologias numa sociedade de consumo e efemeridades. Para tanto, realizamos um estudo de revisão bibliográfica numa perspectiva qualitativa sobre a história da literatura de cordel no Brasil e em específico no nordeste e em Alagoas.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Feiras-livres. Contemporaneidade.

ABSTRACT

This work aims to reconstruct historical trajectories of cordelística production in Alagoas, trying to identify the elements that constitute this process of formation, development and transformation in the practices of production, dissemination, reading and archiving from the new technologies in a consumer society and ephemeris. For this, we carried out a bibliographic review study in a qualitative perspective on the history of cordel literature in Brazil and in specific in the northeast and Alagoas.

Keywords: Cordel literature. Free fairs. Contemporaneity.

INTRODUÇÃO: REINVENÇÕES CORDELÍSTICAS EM TEMPO DE EFEMERIDADES.

A literatura de cordel, é uma produção dos poetas populares que usavam temas diversos de fatos acontecidos ou imaginados para, em prosas e versos rimados, mostrarem seus trabalhos e vendê-losem feiras livres.esses poetas apresentavam seus causos cantados ou falados. Assim também o era no sertão nordestino, contudo, desde as últimas décadas do século XX, a produção, circulação e consumo de cordéis diminuiu a ponto de se pensar que ela tenha deixado de existir na contemporaneidade. Pretendemos entender como o cordel, antes tão difundido nas feiras-livres do sertão nordestino, tem conseguido se manter como uma prática da cultura popular tradicional nos dias de hoje em meio a tantas ambiguidades para sua divulgação. Contudo, é sabido que com toda a tecnologia midiática da pós-modernidade, tal cultura tem se mantido viva, apesar de todas as contradições hodiernas.

A literatura de cordel não se caracteriza tão somente como arte popular, mas também como uma expressão sociocultural que viabiliza sociabilidades, entretenimento, aprendizados

e construção de memórias e identidades. A poesia popular, ou cordel, que tanto encantava aqueles que liam ou ouviam, ajudou de forma contundente, a alfabetizar muitas pessoas em nosso nordeste brasileiro, vez que ficava mais fácil se aprender a ler de forma cantada.

O PODER DOS CORDÉIS OU OS CORDÉIS NO PODER? NOTAS SOBRE PERCURSOS E DESVIOS DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

A literatura de cordel, ou o cordel nordestino, pois entender o cordel como literatura é algo que, para alguns estudiosos da temática, foge do contexto de cordel, que é narrar, em forma de versos fatos acontecidos ou inventados pelo cordelista, mas que não obedece a um único gênero literário, embora contemple formas de quase todos os gêneros literários como: tragédia, poesia, romance, etc. Diferente da literatura de cordel originada na Europa por volta do século XVI – que obedecia a um gênero – o cordel brasileiro, mais precisamente o cordel nordestino, herdou da literatura de cordel europeia apenas a forma de expor e vender tal obra, que era pendurada em cordões nas praças europeias ou nas feiras-livres do nordeste brasileiro, geralmente pelo próprio autor da obra.

A partir do século XX, nota-se uma diminuição da oferta e da procura do cordel nas feiras-livres do nordeste brasileiro, causando uma certa preocupação entre os cordelistas, e também entre os leitores da obra pois, no mundo contemporâneo, as tradições populares (entendendo que o cordel faz parte desta tradição), perdem espaço de forma gritante, para as benesses e seduções de um mundo informatizado.

Advinda de Portugal, a literatura de cordel chegou ao Brasil, nas malas e nas mentes dos nossos colonizadores, fixando-se na Bahia, mais precisamente em Salvador. Dali criou raízes em todos os estados do Nordeste. A pergunta mais inquietante que intriga os pesquisadores de cordel é "Por que exatamente no nordeste?". A resposta não está aquém do raciocínio livre nem dos domínios da razoabilidade. Basta voltarmos um pouco na história, que reacenderá em nossas mentes, que a primeira capital América portuguesa foi Salvador. Local estratégico para a administração colonial, tornou-se também ponto de convergência de diferentes culturas.

Nas perguntas dos estudiosos da literatura de cordel, há lógica, porque os poetas de bancada ou de gabinete, como ficaram conhecidos os autores cordelistas, de fato brasileiros, demoraram a emergir. Mais adiante, por volta de 1750 é que apareceram os primeiros vates da

literatura de cordel oral. Mesmo a passos curtos e sem nome, depois de relativo longo período, a literatura de cordel fora batizada como poesia popular.

Foram esses poetas do improviso os precursores da literatura de cordel escrita. Os registros são muito vagos, sem fidedignidade, de repentistas ou violeiros antes de Manoel Riachão ou Mergulhão, mas Leandro Gomes de Barros, nascido no dia 19 de novembro de 1865, teria escrito a peleja de Manoel Riachão com o Diabo, em fins do século passado.

Sua afirmação, na última estrofe desta peleja, é um rico documento, pois mostra a não contemporaneidade do Riachão com o rei dos autores da literatura de cordel. Ele nos oferta um amplo sentido de longa distância ao dizer: "Um velho daquela época a tem ainda gravada".

No dia 7 de setembro de 1988, foi fundada a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) no Rio de Janeiro. Na diretoria, assim constituída, eram somente três os cordelistas: o presidente, Gonçalo Ferreira da Silva, o vice, Apolônio Alves dos Santos e o diretor cultural, Hélio Dutra. Penosamente, algumas das reuniões foram realizadas em bares, lanchonetes e restaurantes, até que um dia, em visita da diretoria da Academia Internacional de Letras, a figura de Abelardo Nunes começou a ganhar forma enquanto referência cordelista, abrindo caminhos em direção à Federação das Academias de Letras do Brasil, onde passaram a fazer reuniões.

Umberto Peregrino, então Diretor da Biblioteca do Exército e fundador da Casa de Cultura São Saruê, amante da Literatura de Cordel, conhece Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da ABLC, e se tornam grandes amigos. Com esta aproximação, surge em Umberto Peregrino a ideia de fazer a transferência do acervo cultural de São Saruê para a Academia. Atualmente o corpo acadêmico da ABLC é composto de 40 cadeiras de membros efetivos, sendo que 25% destas cadeiras podem ser ocupadas por membros não radicados no Rio de Janeiro. É curioso perceber como nesse jogo de poder científico-administrativo, cria-se uma instituição para registrar, organizar, produzir, reconhecer, autorizar e divulgar a literatura de cordel fora do Nordeste brasileiro, com cadeiras majoritárias para membros do Rio de Janeiro. Se historicamente o nordeste é um espaço privilegiado de produção e consumo de cordéis, o Rio de Janeiro torna-se o espaço majoritário de gestão dessa manifestação cultural.

DOS TONS E SABORES DAS RIMAS: A CONSTRUÇÃO DA MÉTRICA DO CORDEL BRASILEIRO

Produzir um cordel exige um aprendizado específico de uma narrativa poética, cujas palavras, entonações e rimas compõe a performance de maneira específica. Os cordelistas dedicam-se a este aprendizado ético, cujo efeito estético produz diferentes sentidos sobre o mundo. Entre várias formas que foram construídas historicamente e que ponderamos brevemente neste artigo, o cordel pode ser produzido, em parcela ou *versos de quatro sílabas*: A parcela ou verso de quatro sílabas é o mais curto conhecido na literatura de cordel. A própria palavra não pode ser longa, do contrário ela sozinha ultrapassaria os limites da métrica e o verso sairia de pé quebrado. A literatura de cordel por ser lida e ou cantada é muito exigente com questão da métrica.

Versos de cinco sílabas: Já a parcela de cinco sílabas é mais recente, e não há registro de sua presença antes de Firmino Teixeira do Amaral, cunhado de Aderaldo Ferreira de Araújo, o Cego Aderaldo. A parcela de cinco sílabas era cantada também em ritmo acelerado, exigindo do repentista, grande rapidez de raciocínio. A evolução das modalidades se deu naturalmente gerando também *versos ou parcelas de sete sílabas*.

Dentre as formas de cordel, a mais conhecida prática acabou sendo a das *sextilhas*: Agora, de posse da técnica de fazer sextilhas, e uma vez consagradas pelos autores, esta modalidade passou a ser a mais indicada para os longos poemas romanceados, com o segundo, o quarto e o sexto versos rimando entre si, deixando órfãos o primeiro, terceiro e quinto versos. É a modalidade mais rica, obrigatória no início de qualquer duelo poético, nas longas narrativas e nos folhetos de época. Também muito usadas nas sátiras políticas e sociais. É uma modalidade que apresenta nada menos de cinco estilos: aberto, fechado, solto, corrido e desencontrado.

Oito pés de quadrão, ou simplesmente oitavas: Os oito pés de quadrão, ou simplesmente oitavas, são estrofes de oito versos de sete sílabas. A diferença dessas estrofes de cunho popular para as de linha clássica é apenas a disposição das rimas.

As rimas em *décimas*, dez versos de sete sílabas, são, desde sua criação no limiar do nosso século, as mais usadas pelos poetas de bancada e pelos repentistas. Excelentes para

glosar motes, esta modalidade só perde para as sextilhas, especialmente escolhidas para narrativas de longo fôlego.

O Martelo agalopado é composto por estrofe dez versos de dez sílabas, é uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel. Criada pelo professor Jaime Pedro Martelo (1665 - 1727), as martelianas não tinham, como o nosso martelo agalopado, compromisso com o número de versos para a composição das estrofes. Alongava-se com rimas pares, até completar o sentido desejado.

O Galope à Beira Mar são rimas feitas de onze sílabas, portanto mais longos do que os de martelo agalopado.

Meia Quadra ou versos de quinze sílabas. Não sabemos por que se convencionou chamar de meia quadra, quando poderia, muito bem, se chamar de quadra e meia ou até de quadra dupla.

MEMÓRIAS CORDELÍSTICAS: ALGUNS AUTORES BASTANTE CONHECIDOS

Para falar da história do cordel no Brasil é importante também registrar nomes de autores que foram consagrados pela obra que produziram. Ao falar deles estamos conscientes de que muitos autores acabam sendo apagados dessas memórias cordelísticas. Autores anônimos e outros com produção menor, mais localizada, com dificuldade de registro e de reconhecimento pela academia e mídia perderam-se na evasão da história. Admitimos, portanto, que esta seção produz uma seleção e perpetua um certo tipo de memória já referendada pela academia e mídia; fato que ainda não tira a legitimidade dos autores abaixo arrolados. Cientes de nossas limitações de tempo, condições de produção e lugar social, reconhecemos que outras pesquisas possam fazer outra escolha: a de dar visibilidade no campo da história e da memória aos outros autores cordelistas que ainda não foram reconhecidos pelas instancias oficiais. Entre os nomes que destacamos temos:

João Martins de Athayde - Nasceu no dia 24 de junho de 1880, em Cachoeira da Cebola, no município de Ingá, Paraíba. Trabalhou como mascate e atraído pela febre da borracha, foi para o Amazonas onde teve 25 filhos com as caboclas das tabas indígenas. Retornou ao nordeste e transferiu-se para Recife, onde fez curso de enfermagem. Em 1921, já com bela fortuna amealhada, comprou o famoso projeto editorial de Leandro Gomes de Barros, tornando-se o maior editor de literatura de cordel de todos os tempos. Vendo que

oitenta por cento dos folhetos vendidos nas feiras era de humor ou de pelejas, e tendo especial vocação para duelos verbais, inclinou sua pena para esse tipo de produção. Usando personagens reais e fictícias, escreveu mais de uma dezena de pelejas até hoje muito procuradas e lidas, como a de "Serrador e Carneiro".

(...) A beleza e o amor
têm poder absoluto,
na terra todo mortal
cada qual rende o seu
culto
pagando a estes dois
Deuses,
um verdadeiro tributo

Mas às vezes a beleza
sem sua soberania,
perde ante a inteligência
a sua supremacia:
fica o amor vacilando
nesta tremenda porfia (...)

*Amor de uma estudante ou
O poder da inteligência.*

Leandro Gomes de Barros - O paraibano Leandro Gomes de Barros, pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima e da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior da Literatura de Cordel. Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, em 04 de março de 1918, deixando um legado cerca de mil folhetos escritos, embora centro cultural algum registre tal façanha. Foi, porém, o maior editor antes de João Martins de Athayde, que o sucedeu. O vigoroso programa editorial de Leandro levou a Literatura de cordel às mais distantes regiões, graças ao bem sucedido projeto de redistribuição através dos chamados agentes.

A cabeça, um tanto grande e bem redonda,
O nariz, afilado, um pouco grosso:
As orelhas não são muito pequenas,
Beiço fino e não tem quase pescoço.

Tem a fala um pouco fina, voz sem som,
Cor branca e altura regular,
Pouca barba, bigode fino e louro,
Cambaleia um tanto quanto no andar.

Olhos grandes, bem azuis, têm cor do mar:
Corpo mole, mas não é tipo esquisito -
Tem pessoas que o acham muito feio,

Mas a mamãe, quando o viu, achou bonito!

Peleja de Manoel Riachão com o Diabo

Patativa do Assaré - Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasceu a 5 de março de 1909, no Sítio denominado Serra de Santana, que dista três léguas da cidade de Assaré”. Com a idade de doze anos, frequentou uma escola muito atrasada, na qual passou quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saiu da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentou mais escola nenhuma. Com 16 anos de idade, comprou uma viola e começou a cantar versos de improviso, pois naquele tempo ele já improvisava, glosando os motes que os interessados apresentavam.

A terra é nossa

A terra é um bem comum
Que pertence a cada um.
Com o seu poder além,
Deus fez a grande Natura
Mas não passou escritura
Da terra para ninguém.

Se a terra foi Deus quem fez,
Se é obra da criação,
Deve cada camponês
Ter uma faixa de chão.

Quando um agregado solta
O seu grito de revolta,
Tem razão de reclamar.
Não há maior padecer
Do que um camponês viver
Sem terra pra trabalhar.

O grande latifundiário,
Egoísta e usurário,
Da terra toda se apossa
Causando crises fatais
Porém nas leis naturais
Sabemos que a terra é nossa.

Silvino Pirauá - Silvino Pirauá de Lima nasceu em Patos, em 1848 e faleceu em Bezerros, Pernambuco, em 1923. Cantador e poeta popular foi tido como o discípulo amado de Romano do Teixeira, o célebre cantador que travou com Inácio da Catingueira legendária

peleja. Ao lado de Ugolino Nunes da Costa e Romano Caluete, seu mestre, Silvino é considerado um dos maiores da poesia popular nordestina. Juntamente com Leandro Gomes de Barros, é considerado um dos criadores da literatura de folhetos. Além de bom improvisador e glosador, introduziu várias inovações formais na poesia popular: foi um dos primeiros a usar a sextilha e é tido como criador do "martelo agalopado". Autor de uma das várias versões que se conhece da peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira escreveu, entre outros títulos: "História do capitão do navio", "As três moças que quiseram casar com um só moço", "Verdadeira peleja de Francisco Romano com Inácio da Catingueira" e "A Vingança do sultão".

Z. - Pirauá, quem lhe mandou entrar em meu Pernambuco?
Ignoravaz talvez
de que sou cantor de suco?
Agora o seu resultado
é ficar doido ou maluco!

S. - Eu não venho aqui mandado
desde já fique sabendo,
o senhor tem muito suco
porém a si não me rendo,
pretende deixar-me doido
mas isso eu só creio vendo.

Z. - Me informaram que você
era exímio cantador,
que da arte que ora exerce
pretende ser professor
e que em ciência pratica
discute como um doutor.

S. - Zé Duda, há mais de 30 anos
que eu vivo de cantoria,
não me julgo mais que os outros
mas conheço bem poesia,
se eu fosse um cientista
cantando não viveria.

Desafio de Zé Duda com Silvino Pirauá

OS CAMINHOS DAS RIMAS: A DIFUSÃO DA LITERATURA DE CORDEL NO NORDESTE

Literatura de cordel cujo nome é oriundo de Portugal eram folhetos presos por cordel ou barbante, os mesmos eram expostos nas casas comerciais ou em feiras livres em que eram vendidos. Mais precisamente no século XVII, em Portugal, Teófilo Braga já os assinala com este nome. (Literatura de cordel). Vale salientar que a poesia de cordel está intrinsecamente ligada ao romancista popular.

No nordeste brasileiro a literatura de cordel tem afluentes lusitanas, pois, aqui surgiu, trazida pelos romancistas peninsulares em suas bagagens isto entre o século XVI e XVII. Não implica dizer que aqueles romancistas eram genuinamente lusitanos, porém cada um apresentava seus escritos cordelistas seguindo suas características a exemplo do verso corrido. Mas é de suma importância afirmar que os poetas populares do México, Argentina, Nicarágua etc., tinham e tem algo em comum com os do nordeste brasileiro, pelo fato de seus escritos serem feitos aproveitando-se de fatos acontecidos tais como: Guerras; tragédias naturais; brigas por posse de terras dentre outros casos.

Como se vê, todos os tipos e origens da literatura de cordel, fez com que o nosso Nordeste se fortificasse com uma vasta literatura, isto porque a mistura de raças bem como as condições sócio ambientais deu sua contribuição, somado com o impacto de influências, como a seca causticante; as tradições festivas, o êxodo rural etc. Em assim sendo, como em nosso país houve e há misturas de raças, cada uma com suas peculiaridades e credo, há uma discordância no que diz respeito à literatura de cordel com sátira, a exemplo dos escritos de Antônio Saramago, os quais, na sua maioria são denominados de sátiras. Os versos de improviso, são aqueles em que surge de súbito, através de fatos de grande repercussão, onde o cordelista passa a narrar de forma cantada ou falada- como exemplo podemos citar a queda de Getúlio Vargas em meados do ano de 1945. Entretanto, os cordelistas não assinalam locais, mas temos como base de localidade onde ocorrer o fato.

Os nordestinos, na época, onde não se falava em rádio ou televisão, reuniam-se em suas casas, onde o chefe da família ou algum membro alfabetizado recitava ou lia poesias e revistas de novelas, fazendo com que a história se propagasse. Era raríssima a dificuldade em se encontrar obras impressas do Brasil e do mundo, mas isso não tornava as reuniões familiares menos frequente pelo fato de sempre se ter algo a ser falado. Em assim sendo, após o aparecimento do rádio, posteriormente da televisão, essas reuniões foram diminuindo, pelo fato de nosso povo voltar a atenção para o que ouvia ou assistia pelos meios de comunicação da época; o mesmo acontece hoje, com a evolução tecnológica, pouco se vê pessoas

folheando livretos de cordel, ou livros poéticos, isto porque tudo se encontra através da internet. É de tamanha tristeza, verificarmos que a literatura de cordel esteja sobrevivendo a passos curtos, e menos divulgados em feiras livres. Nossos antigos poetas deixaram seus legados através do empirismo familiar, a exemplo dos aboios e toadas dos nossos vaqueiros nordestinos, homens valentes e de fibra, que enfrentam o sol causticante, com alegria no rosto e fazendo versos de improviso.

Em se tratando da origem da literatura de cordel, devemos dar ênfase como ela aqui se fixou basta dizer que as folhas volantes – vieram às terras brasileiras pelos colonos portugueses em suas naus colonizadoras, recebendo mais precisamente no Nordeste com o nome acima denominado. Os ocupantes daquelas embarcações traziam em seus pertences narrativas tradicionais tais como: A Imperatriz Porcina, Princesa Magalona e Carlos Magno. Como fora falado a leitura ou cantoria de cordel, era realizado em grupos, o que podemos denominar de literatura erudita, mas não ficou por aí, pois, em nosso território, especialmente no Nordeste, surgiu a cultura de origem africana, onde os escravos trasladados para o Brasil tinham também entre eles seus trovadores cujos versos eram cantados ou narrados denominados de akapalô. Luís da Câmara Cascudo, recorda em uma de suas obras: “Toda África ainda mantém seus escritores verbais, oradores das crônicas antigas, cantores das glórias guerreiras e sociais, antigas e modernas, proclamadas da genealogias ilustres”. As negas velhas rumavam de engenho a engenho narrando seus cantos. Noutro países durante o “batuque” era de costume as cantadeiras tirarem mote que são respondidos por outro da roda fazendo-se a rima.

A Literatura de cordel no Brasil tornou-se um assunto literário com suas formas únicas de métrica, rima e textos desenvolvidos em linguagem coloquial. Através de estudos, chegamos a conclusão que a literatura cordelista, chegou ao Brasil pelos portugueses, disso não temos dúvidas, entretanto passou ser publicada e comercializada nos fins do século XIX, cujas as impressões eram feitas em pequenas tipografias na cidade do Recife, PE. Leandro Gomes de Barros e Silvino Pirauá ambos paraibanos, foram os precursores deste gênero literário, que teve seu manancial com um estilo puramente nordestino. Assim o cordel se destacou praticamente no Nordeste, pelo fato da grande maioria dos escritores serem nordestinos e todos obedecem ao estilo empregado por Leandro e Silvino há mais de cento e vinte anos.

A maneira de se formar os livretos, tamanho, modo de produção, como são expostos à venda, o material utilizado na confecção bem como suas ilustrações não dão credibilidade alguma a nenhum escrito ser chamado de cordel. O que caracteriza é o tipo e a qualidade do texto com suas formas definidas pela tradição da poesia popular nordestina. Colocar isto na obscuridade é encobrir a verdadeira autenticidade cultural do cordel brasileiro.

O cordel é uma expressão poética feita em linguagem popular, isso não a diferencia de outro tipo de poesia, mas o autor popular escreve seus poemas com muita criatividade e qualidade poética.

Vários escritores renomados, tais como: Costa Senna (2008); Glauber Rocha (1964); Marco Aurélio (2012); Luís da Câmara Cascudo (2006); Carlos Drummond de Andrade, e muito mais, tiraram como base dos seus escritos a Literatura de Cordel, e por esse tipo de literatura tiveram e têm um grande apreço. Assim, acerca da literatura de cordel definiu Carlos Drummond de Andrade:

"A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro, em suas camadas modestas do interior. O poeta cordelista exprime com felicidade aquilo que seus companheiros de vida e de classe econômica sentem realmente. A espontaneidade e graça dessas criações fazem com que o leitor urbano, mais sofisticado, lhes dedique interesse, despertando ainda a pesquisa e análise de eruditos universitários. É esta, pois, uma poesia de confraternização social que alcança uma grande área de sensibilidade".

Albuquerque Júnior, em seu livro: "A feira dos mitos" (2013), faz uma explanação sobre cultura popular e cultura nordestina, que sabiamente tira de nossas mentes a ideia taxativa de que o cordel é única e exclusivamente uma cultura popular nordestina, pois, ao invés de pertencer a uma determinada região, e a uma certa camada da sociedade, o cordel é filho de todas as regiões. Desta forma vemos o que Albuquerque Júnior diz sobre cultura popular.

"O meu propósito é advogar que folclore, cultura popular e cultura nordestina são conceitos, que recortam, promovem escolhas, dão visibilidade e produzem o esquecimento de parte da vasta produção de matérias e formas de expressão feitas pelos agentes das camadas populares. É por em questão afirmações clichês e tautológicas que advogam que é popular porque veio do povo, sem sequer definir de que povo se está falando, ou dar por certo que é nordestino, naturalizando tanto o recorte regional, como sempre tivesse existido, como a relação entre folclore e Nordeste, cultura popular e Nordeste, como se o cordel, por exemplo, fosse só produzido e consumido nessa região, tornando-o de imediato um dado de identidade cultural". (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 177).

Diante disso, podemos entender que o cordel, não é privilégio de uma determinada região, mas sim uma forma de expressão encontrada em várias regiões, narrados de acordo com o contexto em que está inserido. Bem formulada é apresentação que o poeta popular Marco Haurélio faz no livro de Costa Senna “Caminhos diversos, sob os signos do cordel” (2007).

A cultura brasileira deve muito a literatura de cordel e, mesmo sem o reconhecimento oficial, um olhar mais atento revelará o quanto a poesia do povo está impregnada nas diversas formas de expressão artística. Da literatura “oficial” ao cinema, do teatro às artes plásticas, o cordel fornece tipos e motivos aos mais abalizados artistas. Muitos desses artistas quando crianças, viajaram nas asas do “Pavão misterioso” e riram à beça com o furdunço provocado pela “Chegada de Lampião ao inferno”. Antes da contaminação levada a efeito pelos meios de comunicação de massa, as crianças do sertão nordestino, à sombra dos juazeiros e oiticicas, nas reuniões nos alpendres, à luz da lamparina, se deleitavam com os romances de encantamento que descreviam reinos distantes dominados pela magia que só a imaginação é capaz de conceder. Antes dos supermercados, as feiras eram lugares de reunião onde os poetas populares iam cantar e vender suas mais recentes criações e os clássicos já caídos no gosto geral (SENNA, 2007, p. 09).

Diante desses argumentos percebemos que as sombras do juazeiros e das oiticicas, foram trocadas pelas telas das televisões e dos computadores mas, não perdeu-se por completo a paixão pela obra pois, em pleno século XXI, o cordel surge com uma nova roupagem, a roupagem da internet. Vejamos o que nos diz o próprio Marco Haurélio em seu livro “Antologia do cordel brasileiro” (2012)

A tecnologia, por muito tempo considerada inimiga da literatura de cordel, é hoje uma potencial aliada, especialmente no tangente a sua divulgação. A internet é um espaço democrático que tem oportunizado a muitos autores a permuta de experiências, na divulgação de trabalhos e até mesmo comercialização de títulos recém-editados. A maneira dos folheteiros, que mercavam nas feiras e locais com grande concentração de público, os cordelistas de hoje publicam parte do texto na *web* e interrompem justamente no momento mais interessante, estimulando a curiosidade e obrigando o leitor virtual a adquirir a obra para conhecer o final. Não é isto que fazia o cantador de feira, reunindo ao seu redor um grande público para, quase sempre, interromper a leitura ou *lida*- um pouco antes do clímax da história? Esse artifício era, e ainda pode ser, chamado de *deixa*, pois se insere numa tradição que, por outras vias, está bem viva. (HAURÉLIO, 2012, p. 12)

Nota-se que na visão do autor, o cordel sofre com o advento dos meios de comunicação de massa, mas ao mesmo tempo os cordelistas utilizam-se desses meios para

reapresentar suas obras. Mas, será que diante de toda essa modernização o cordel não perde seu encanto, não perde sua essência? Hoje o que vemos nas bancas das feiras, em locais antes destinados a divulgação das obras dos cordelistas, são equipamentos eletrônicos, jogos, DVDs, pen-drives, uma infinidade de produtos modernos e em meio a tudo isso, aqui e acolá podemos ver um livreto de cordel.

OS CORDEIS NAS “TERRAS DAS ALAGOAS”

A chegada do cordel em Alagoas não foi diferente em relação aos Estados do nosso Nordeste e demais Estados brasileiros, pois seguiu a mesma trajetória, contudo, vimos que em todas as cidades alagoanas, sempre poderíamos encontrar um ou mais cordelistas, que se encantavam em escreverem ou narrar fatos de suas cidades. A exemplo disso, e lendo o livro intitulado Memória, História e Cordel em Alagoas, dos autores pesquisadores Gian Carlo de Melo e Silva e Gustavo Manoel da Silva Gomes, publicado no de 2014, pela Editora EDUFAL, mais precisamente da página 172 a 238, os autores mostram de forma clara e precisa que a poesia popular, folhetos cordelistas, está no sangue de vários habitantes dos quatro cantos do nosso Estado como se segue, e todos são unânimes em homenagear suas cidades, fazendo seus cordéis de forma clara, rimada e com boa qualidade, porém procuram externar um fato acontecido, a exemplo de Josefa Aldenice da Silva, moradora de Boca da Mata que homenageia sua cidade com o verso como se segue:

BOCA DA MATA

De singelas casas de taipa
Boca da Mata assim nascia
Escondia seus encantos
Por onde a mata encobria
E sabe Deus que eram tantos
Tantos que só Deus sabia.

Onde a mata começava
E se estendia na vastidão
Erguiam-se umas casas
Cujo soalho era o chão
Tinha também um engenho
Do qual Coutinho era patrão.

Dormitórios de tropeiros
Servia de refúgio também
Dava guarida a viajantes
Vindos de mais além
Era morada aos errantes
Vindos por mal ou por bem.

O povo foi assim forjado
De terra, de lama e luta.
Tomou conta do povoado
Cultivou a cana, colheu a fruta.
Fez roça, pasto pra gado.
Fez força, força bruta.

É importante observar, que a escritora cordelista, apresenta seus versos de uma forma clara e de boa leitura, e mais, sem perder a legitimidade da poesia popular nordestina contemporânea. Assim como os demais poetas populares citados no livro, ela, Josefa Aldenice da Silva, mostra ser uma pessoa que tem um grande conhecimento sobre o que é poesia popular, pois apresentou seus versos rimados em sextilhas de quatro estrofes.

SOBRE OS CORDELISTAS ALAGOANOS:

ENÉIAS TAVARES DOS SANTOS, nasceu em Marechal Deodoro, AL, aos 22 de novembro de 1931. Pais agricultores, apenas estudou o ensino primário incompleto. Já na idade adulta, frequentou escola de música, desenho e pintura, entretanto, por não dispor de recursos para custear os estudos, não chegou a terminar. Aprendeu xilogravura sozinho, e realizou, entre inúmeros outros trabalhos, uma Via-Sacra para a Galeria de Arte de Aracaju - SE. Na Bahia, em 1947, travou conhecimento com a Literatura popular, Cordel, e ao voltar para Alagoas, passou a comercializar folhetos. No ano de 1953 conseguiu escrever seu primeiro livro intitulado O cavalo Ventania, depois de O cangaceiro Isaías, este o que mais fez sucesso, O pai traidor, A carta de Satanás a Roberto Carlos e muitos outros. Foi servente do Conservatório de Música de Sergipe e atualmente é funcionário do Museu Théo Brandão, em Maceió, AL.

Quem nasce aqui neste mundo
Já vem com os seus sinais
Marcados pelo destino
Com os pontos principais
Uns nascem para ser moles
Outros valentes demais.

Deus é quem marca o destino
De todo recém-nascido
Por isso é que o valentão
Que seja o pior bandido
Sempre há de encontrar
Um pra deixá-lo vencido.

O povo conta as histórias
De amores e valentias
Reinos encantados, príncipes,

Piratas, feitiçarias,
Eu também vou contar um
Do cangaceiro Isaias.

No Estado de Alagoas
Lá na lagoa do pau
Existia um cangaceiro
Isaias Venceslau
O que Deus tem de ser bom
Ele tinha de ser mau (...)

JOÃO GOMES DE SÁ nasceu em Água Branca, no sertão alagoano, e mora em São Paulo. É formado em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Em 1977 trabalhou como bolsista da Funarte no Museu de Antropologia e Folclore Dr. Théó Brandão, dessa mesma Universidade. Foi aí, na verdade, que conheceu as manifestações de cultura espontânea de seu povo. E é por isso que, volta e meia, o que escreve revela influência do folclore da região. Morando em São Paulo há algum tempo, além de suas atividades como professor de Português, dá orientações técnicas sobre o folclore e escreve poesia popular e literatura de cordel – muitas vezes, para ilustrar suas aulas. Utilizando elementos da cultura popular escreveu e editou Ressurreição do Boi, Canto Guerreiro e Meu Bem-Querer e os cordéis A Briga de Zé Valente com a Leide Catapora e A Luta de um Cavaleiro contra o Bruxo Feiticeiro. Pela premiada Coleção Clássicos em Cordel, da editora Nova Alexandria, publicou O Corcunda de Notre-Dame, adaptação em versos do célebre romance do grande escritor francês Victor Hugo. Adaptou para o cordel, com enorme sucesso, o livro infantil de Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas (Nova Alexandria).

Venho aqui, leio e amoda,
Neste preciso certame,
Tratar do trágico fado
E sofrimento de exame
De Quasímodo, um coitado
Que era denominado
Corcunda de Notre-Dame.

Dom Frollo, padre infame,
Criara o corcunda tal
Pra puxar o cordame
Dos sinos da catedral,
Sem temer dor e vexame,
Cumpria este ditame
O sineiro cordial.

Apesar de todo mal
Que Dom Frollo lhe fazia,
Pelo padre, o serviçal
Enorme afeição nutria,
Era um amor especial,

Uma afeição filial
Que Quasímodo sentia.

Este amor que o unia
Ao sacerdote inclemente
Foi testado, certo dia
Como contarei a frente
Fora um dia de alegria
Mas que então terminaria
De modo bem divergente (...)

RODOLFO COELHO CAVALCANTE nasceu em Rio Largo, AL, aos 12 de março de 1919, sendo filho de Artur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante. Morreu atropelado, em 1987. Aos 13 anos de idade, deixou a casa paterna. Percorreu todo o interior dos estados de Alagoas, como também outros Estados do Nordeste. Foi, palhaço de circo e camelô. Fixou morada em Salvador/ BA, desde 1945 escreveu suas histórias em versos e militou no jornalismo. Era membro fundador da Associação de Imprensa Periódica da Bahia, e filiado à Associação Baiana de Imprensa. Trovador entusiasta, fundou A voz do trovador, O trovador e Brasil poético, órgãos do movimento trovadoresco. Tem idealizado e realizado muitos movimentos, visando à união dos cantadores. Em julho de 1955, com Manoel D'Almeida Filho e outros expoentes da poesia popular, realizou o 1º Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, ocasião em que foi fundada a Associação Nacional de Trovadores e Violeiros, hoje Grêmio Brasileiro de Trovadores, com sede em Salvador, BA. Sua obra é extensa e das mais variadas. Folhetos lançados pela Editora Luzeiro: A chegada de Lampião no céu, ABC dos namorados, do amor, do beijo, da dança, História do Príncipe Formoso, O mundo vai se acabar, Quem ama mulher casada não tem a vida segura.

Lampião foi no inferno
Ao depois ao Céu chegou
São Pedro estava na porta
Lampião então falou
-meu velho não tenha medo
Me diga quem é São Perdo
E logo o rifle puxou.

São Pedro desconfiado
Perguntou ao valentão
Quem é você meu amigo
Que anda com esse rojão?
Virgulino respondeu:
-se não sabe quem sou eu
Vou dizer: sou Lampião.

São Pedro se estremeceu
Quase que perdeu o tino
Sabendo que Lampião

Era um terrível assassino
Respondeu balbuciando
O senhor...está...falando...
Com...São Pedro...virgulino!

JORGE CALHEIROS, também alagoano, tem 74e começou a escrever literatura de cordel há 37 anos. Possui 89 edições publicadas e destas publicações ele tem memorizado 55 versos. É o poeta que tem mais livros publicados no Estado. Como muitos outros poetas ele não teve condições de frequentar a escola, morava no interior, no município de Pilar seus pais compravam livro de histórias, que era lido por alguém alfabetizado para um determinado grupo de pessoas. Foi assim, que esse escritor popular, passou a se interessar pela literatura de cordel. Foi um dos primeiros a trazer para a televisão de Maceió a literatura de cordel, que na época só se ouvia no rádio. Seu primeiro livro teve como título “Meu querido São Francisco”, onde ele conta histórias versadas sobre o Rio São Francisco, e o último foi uma história intitulada “Gastei todo meu dinheiro”.

Ou musa santa divina
Me cubra com vosso véu
Pra mim escrever um livro
Que servirar de troféu
O encontro de Tancredo
Com São Pedro la no Céu.

Tancredo Neve lutou
Para o Brasil ir a frente
Ganhou de Paulo Maluf
Pra ser nosso presidente
Com ele o povo esperava
Um Brasil bem diferente.

Na véspera de assumir
O Tancredo adoeceu
Foi internado as pressas
Médico nem um jeito deu
Sofreu oito operações
Não houve jeito morreu.

Tancredo subiu ao Céu
Voando com mais de mil
Ficou muito admirado
Em ver o Céu cor de anil
São Pedro lhe elogiou
Por ter deixado o Brasil.

São Pedro disse Tancredo
O Céu todo está contente
Porque o senhor agora
Pertence ao pais da gente

Você aqui ta melhor
Do que la ser presidente (...)

*O encontro de Tancredo com
São Pedro La no Céu.
Jorge Calheiros.*

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA, mais conhecida como Mariquinha, começou lendo cordel para os avós, no município de Coqueiro Seco. Sempre procurou inspiração na natureza e seu primeiro cordel foi “O Progresso e a decadência”, que ela fez sobre o aterro da Lagoa Mundaú. “Minha inspiração nasceu a partir do sururu”, contou.

Hoje com 31 publicações, a escrito que queria ser enfermeira, mas ao entrar em uma escola técnica de enfermagem teve seu primeiro ataque epilético e não pode mais fazer o curso. “Mas continuei fazendo meus versos”, disse.

Ganhou um emprego em consequência de um verso que escreveu para o presidente João Batista Figueiredo, que veio visitar Alagoas e estava no palácio dos Martírios. Em 1998 uma carta em verso e mandou para o Programa do Jô Soares, cuja carta fez com mariquinha, como era conhecida, ser entrevistada pelo referido apresentador no ano de 2000, daquele dia em diante, foi reconhecida por todo o Brasil, tendo assim seu trabalho sido valorizado. Participou também do quadro se vira nos 30, do Domingão do Faustão. Mariquinha sempre expõe seus trabalhos na Feira do Livro que é realizada no Centro de Convenções e realiza muitas palestras em escolas.

(...) pois existe uma lagoa
Por nome de mundaú
Muita gente se vestia
Com a renda do sururu
Pois a draga aterrou
Pra deixar o povo nú.
O povo já vem sofrendo
Com a grande poluição
Botando remédio n'água
Pra matar o camarão
Veio a draga acabar
Fazendo imenso aterro.
O povo não admite
Que alguma empresa fez
Botar veneno na água
E acabou de uma vez
Com o nosso sururu
Que o povo era freguês (...)

Estão acima elencados uma pequena amostra dos poetas populares de Alagoas e seus municípios, para que possamos verificar que mesmo a poesia popular está, ainda, entranhada na mente de nossos escritores, poetas contemporâneos que procuraram e procuram manter acessa as tradições, confeccionando seus folhetos de forma simples, sem desviarem de seus costumes, contudo, muitos deles ainda sobrevivem à duras penas, da vendagem de seus cordéis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A escolha deste trabalho teve como prioridade valorizar a cultura popular, literatura de cordel no período contemporâneo, como também, esperamos poder contribuir substancialmente para que a literatura de cordel volte ao cenário das feiras-livres de todoo Brasil. Vale ressaltar que existem ainda muitos cordelistas que apresentam seus trabalhos nas feiras, mas é sabido que a demanda e a procura diminuíram muito, e isto ocorreu com o advento da evolução tecnológica, onde os meios de comunicação, falada e escrita, como também com a introdução do computador nos anos de 1990, passaram a oferecer ferramentas de pesquisa e leitura. Mas essa mesma evolução está sendo de suma importância para a literatura de cordel, isto pelo fato de atingir uma gama maior de leitores, sendo dos mais simples aos mais letrados, assim, o cordel ganhou novos horizontes, mais precisamente o nosso cordel nordestino, que hoje é divulgado também, em centenas de países, e isto vem apenas engrandecer nossa tão vasta literatura. É evidente que o poeta popular precisa sobreviver com a vendagem do cordel, e é necessário que haja políticas públicas voltadas para nossa literatura, que venha a dar condições aos escritores populares de publicarem seus poemas, com pouco custo, mas com melhor qualidade de impressão. A nossa cultura popular, cuja raiz está no nosso sertão nordestino, seja cantada, falada ou escrita, é digna de aplausos, pois quem tem a satisfação de ler ou ouvir, “viaja” junto com as poesias populares, por lugares nunca dantes viajados e vivenciam fatos como se lá estivessem. Não importa se a escrita na literatura de cordel está na linguagem matuta por assim dizer, mas o mais importante é que os poetas, mesmo aqueles não alfabetizados, seguem suas linhas, fazendo com que cada estrofe se confraternize formando a rima da tão bela ou trágica história escrita ou cantada. A nossa literatura de cordel continua viva, basta que cada um de nós pesquisadores, façamos nossa parte, para que ela tenha mais vigor. Seria de grande valia que todas as unidades de ensino, também adotassem a literatura de cordel, digamos, não como uma matéria, mas como uma ferramenta para o ensino e aprendizagem de nossos estudantes. Atualmente a literatura de cordel, está contida em inúmeros web sites onde aqueles que apreciam a literatura popular como um todo, encontrarão uma gama de escritos de autores diversos. E isso faz com que o nosso cordel e nossos cordelistas sejam mais conhecidos e valorizados mesmo virtualmente. É de grande importância essa divulgação na mídia e na web, pelo fato de oferecer distribuição eficiente, abertura de espaços e fóruns de discussão e de publicação de textos de cordel, de autores tradicionais e contemporâneos, para melhor dinamizar, a Poesia Popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA DE LITERATURA DE CORDEL, Disponível em:
<<http://www.ablc.com.br/ocordel.html>> acesso em 20/06/2016

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos Mitos: A fabricação do folclore da Cultura Popular**. São Paulo: Intermeios, 2013

CADA MINUTO. Alagoanos conseguem sobreviver usando a Literatura de Cordel. 2011. Disponível em <<http://www.cadaminuto.com.br/noticia/140457/2011/10/02/alagoanos-conseguem-sobreviver-usando-a-literatura-de-cordel-para-disseminar-a-cultura>> Acesso em 08/08/2016.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª ed. – São Paulo: Global, 2006.

CATATAU, Chico. **Cordel do Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://cordelodobrasil.com.br>>. Acesso em 01/07/2016.

CENTRO CULTURAL DOS CORDELISTAS DO NORDESTE. 1987. Disponível em <<http://www.cecordel.com.br/estudos.html>>. acesso em 30/06/2016

CURRAN, Mark J. **Biblioteca virtual: Miguel de Cervantes**. 1991. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/hispania--11/html/p0000013.htm>> acesso em 10/07/2016

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

DINIZ, Francisco; QUARESMA, Valentim. **PROJETO CORDEL: “O que é o Cordel?”** 2001. Disponível em <<http://www.projetocordel.com.br>>. acesso em 25/06/2016

DOURADO, Gustavo. **Cordel: do sertão nordestino à contemporaneidade da Internet**. 2015. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/cordel-do-sert%C3%A3o-nordestino-%C3%A0-contemporaneidade-da-internet-dourado>> acesso em 03/07/2016.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA: CORDEL Literatura popular em verso. Disponível em <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/poeta.html>>. Acesso em 28/07/2016.

GGN, O JORNAL DE TODOS OS BRASIS. CULTURA: O cordel do Mestre Azulão. 2014. Disponível em <<http://jornalggm.com.br/noticia/o-cordel-do-mestre-azulao>>. Acesso em 02/08/2016.

HAURÉLIO, Marco. **Antologia do cordel brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

MELO SILVA, G. C.; MANOEL DA SILVA, G. (Orgs) **Memória, história e cordel em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2014.

NEMER, Silva. **Glauber Rocha e a literatura de cordel: uma relação intertextual**. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2007.

RECANTO DAS LETRAS: Grandes autores da Literatura de Cordel. Disponível em <<http://www.recantodasletras.com.br/cordel/1482607>>. Acesso em 12/07/2016.

SENNA, COSTA. **Caminhos diversos:** sob os signos do cordel / Costa Senna; ilustrações de Jô Oliveira-São Paulo: Global, 2008

